

São-Paulo), de ANTENOR RIBEIRO; 4) "Município de Cananéia e ilha do Bom-Abrigo" (M. de Cananéia, E. de São-Paulo), de ANTÔNIO PAULINO DE ALMEIDA; 5) "Monografia de Xixirica" (M. de Xiririca, E. de São-Paulo), de ANTÔNIO PAULINO DE ALMEIDA; 6) "Monografia estatístico-corográfica sobre o município de Altinho" (M. de Altinho, E. de Pernambuco), de CARMÉLIA DINIZ; 7) Município de Paraíba-do-Sul (relêvo), (M. de Paraíba-do-Sul, E. do Rio-de-Janeiro), de G. HIPPERT; 8) "Esbôço de antropo-bio-geografia" sobre a Mata Mineira, baseado no estudo do seu clima" (M. de Teixeira, E. de Minas-Gerais), de MÁRIO BARRETO; 9) "Estudo hidrográfico do município de Cristina" (M. de Cristina, E. de Minas-Gerais), de GERALDO DE OLIVEIRA; 10) "O município de Araruama", (M. de Araruama, E. do Rio-de-Janeiro), de ARGEMIRO R. DE MACEDO SOARES; 11) "Município de Bom-Jardim" (M. de Bom-Jardim, E. do Rio-de-Janeiro), de LOURENÇO CORREIA DA SILVA; 12) "Estudo sobre o vale do rio Tibiriçá" (M. de Getulina, E. de São-Paulo), de BENEDITO C. MAHLOW

Os autores das monografias classificadas foram distinguidos com os seguintes prêmios: Cr\$ 2 000,00 (dois mil cruzeiros) ao que obteve o 1.º lugar; Cr\$ 1 000,00 (mil cruzeiros) aos dois concorrentes classificados em 2.º lugar; Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) aos dez colocados em 3.º lugar; Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros) aos dez que alcançaram o 4.º lugar; e Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros) aos classificados em 5.º lugar

A presidência do I. B. G. E., de acôrdo com a Resolução do Conselho Nacional de Geografia, que julgou, em última instância o concurso, encaminhará à Comissão Organizadora, do XI Congresso Brasileiro de Geografia, a reunir-se no Estado do Pará, as treze monografias que alcançaram o primeiro, segundo e terceiro prêmios, a fim de figurarem no próximo certame geográfico de Belém, que se efetuará sob patrocínio do C. N. G., ficando fa-

cultada a este órgão promover a publicação desses trabalhos antes da realização daquele congresso, desde que na sua publicação se mencione a condição de contribuição destinada ao referido certame, a fim de não se quebrar o seu ineditismo em relação ao mesmo na conformidade de que ficou, a respeito, decidido pelo X Congresso Brasileiro de Geografia.

Não foram premiadas as seguintes monografias, classificadas na ordem em que estão colocadas: "Município de Cristina", de EDISON DE OLIVEIRA; Monografia municipal de Coari", de ALEXANDRE MONTORIL; "Monografia municipal de Coari", de JOAQUIM CORDEIRO DE MAGALHÃES; "Lagoa do Piauí", de ADÉLIA O. SANTOS; "Monografia municipal de Lábrea", de ANTÔNIO ELIAS BATISTA; "Monografia municipal de Urucará", de OSMAR RODRIGUES BENTO; "Município de Pôrto-da-Fôlha", de MANUEL A. RAMOS; "Monografia municipal de Urucurituba", de TEODORO MARTINS DOS SANTOS; "Monografia das zonas urbana e suburbana da cidade de Entre-Rios", de OSCAR DA SILVA REIS; "Monografia do município da Gameleira", de MARIA DA CONCEIÇÃO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO; "Monografia do município de Januária", de MANUEL AMBRÓSIO; "Monografia do rio Arauã-Corari", de ARISTIANO FIRMINO BOAIS; "Monografia municipal de Barreirinha", de OTAVIANO GONÇALVES CARDOSO; "Monografia do município da Gameleira", de LÍCIA VÍTOR DE CARVALHO; "Monografia do município da Gameleira", de ADÉLIA AUREA DE ARAÚJO; "Roteiro da mina legendária de ouro do Pateirão, no município de Encruzilhada, Bahia", de EUSTÁQUIO BLESSA SERRANO; "Monografia de São-Félix", de ANFILÓQUIO DE CASTRO.

As duas monografias que deixaram de ser computadas no julgamento final, pelos motivos antes expostos foram. "Descrição histórica e geográfica do município de Curacá", de JOÃO MATOS e "A jaqueira e a cana de açúcar", de ANFILÓQUIO DE CASTRO

59.º ANIVERSÁRIO DA CRIAÇÃO DOS SERVIÇOS GEOGRÁFICOS E GEOLÓGICOS DE SÃO-PAULO

A 27 de março em curso, foi solenemente comemorado pelo Instituto Geográfico e Geológico de São-Paulo o transcurso, naquela data, do 59.º aniversário da criação dos serviços geográficos e geológicos daquele Estado.

A data, embora particularmente grata à Geografia paulista, marcou também expressiva efeméride à Geografia brasileira em geral, pois, dada a relevante soma de bons serviços técnicos prestados a São-Paulo e ao Bra-

sil, foi assinalada por outras manifestações de regozijo nesta capital, tendo, entre outros pronunciamentos, o adotado pelo Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia que consignou na ata dos trabalhos, em uma das suas últimas reuniões, a expressividade do acontecimento. Atualmente confiados ao Instituto Geográfico e Geológico, sob a direção esclarecida de um grande técnico paulista — o Eng. VALDEMAR LEFÈVRE —, os aludidos ser-

viços vêm se processando de maneira a colocar o Estado de São-Paulo como uma das unidades-padrão na execução dos serviços especializados dessa natureza

Tiveram início aquêles serviços com a criação da Comissão Geográfica e Geológica de São-Paulo em 27 de março de 1886, pelo conselheiro João ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA, então presidente da Província de São-Paulo Criando a Comissão, a Lei n.º 9 baixada naquela data, determinava que os serviços fôssem iniciados pelos trabalhos de levantamento de cartas topográficas, itinerárias, geológicas e agrícolas Confiada a sua direção ao renomado especialista ORVILLE A DERBY, a Comissão iniciou as suas atividades, propriamente ditas em 7 de abril, tendo como companheiros os Engs TEODORO SAMPAIO, FRANCISCO DE PAULA OLIVEIRA, LUÍS GONZAGA DE CAMPOS e ALBERTO LOEFGREN.

Dando normas aos grandes serviços que se iniciaram, um mês depois partia para o interior a primeira turma de técnicos sob a chefia do Eng TEODORO SAMPAIO. Ainda em outubro daquele mesmo ano foi iniciado o trabalho de triangulação, com a medição da base de Campo-Largo e a ocupação da rede que convergia para a capital do Estado de São-Paulo. Paralelamente à execução dessa importante tarefa os Engs PAULA DE OLIVEIRA e GONZAGA DE CAMPOS iniciaram os primeiros estudos sistematizados sobre a Geologia e o especialista ALFREDO LOEFGREN estudou a flora, o clima e a composição das terras aráveis. Cerca de oito anos foram decorridos na realização dessas proveitosas tarefas de grande repercussão no meio científico, dado o vulto e o teor dos resultados obtidos, quando a Comissão passou a dedicar sua atividade no levantamento e no estudo da região que compreende as zonas limítrofes daquele Estado com o de Minas-Gerais

Assim auspiciosamente iniciados os serviços da Comissão, continuou o órgão geográfico e geológico paulista as suas atividades técnicas até a presente data, tendo passado por várias reformas, visando o seu melhor aparelhamento, sendo o seu nome atual, *Instituto Geográfico e Geológico*. Aparelhado com excelente material e servido por técnicos dos mais distinguidos o I G G, presentemente dirigido pelo Eng VALDEMAR LEFÈVRE, representa nos nossos dias uma organização técnica de primeira ordem;

Desde a sua fundação o órgão geográfico e geológico paulista, além do serviço de rotina, levou a efeito mais de uma dúzia de explorações científicas no Estado, principalmente nas zonas banhadas pelos principais rios e regiões mais interessantes sob o ponto de vista científico e econômico. No campo da cartografia elab-

borou quase uma centena de mapas contando-se entre êsses 51 fôlhas topográficas elaboradas na escala de 1:100 000, de 30' de latitude por 30' de longitude impressa em três côres — 19'. Cartas Geográficas Gerais do Estado na escala de 1:100 000 elaboradas em diferentes épocas a partir de 1908, sendo a última edição lançada em 1941 Também confeccionou as Cartas Econômicas, de Estatística, Geológica e Hipsométrica do Estado, afora 4 entre as cartas gerais do Estado, na escala de 1:2 000 000, duas delas indicando os trabalhos de triangulação e topográficos realizados e as duas outras são cartas magnética e geológica Elaborou mais o serviço 6 fôlhas da Carta Geológica do Estado, na escala de 1:100 000, de 30' de latitude por 30' de longitude, e os mapas municipais

Tal soma de contribuição cartográfica já divulgada bem representa os trabalhos de campo levados a efeito pelo I G G

*
* *

Comemorando aquela data realizou-se na sede do Instituto Geográfico e Geológico, uma sessão solene sob a presidência do Prof. MELO MORAIS, secretário da Agricultura, Indústria e Comércio, tomando parte todos os técnicos do I.G.G. e representantes de instituições públicas e particulares Aberta a sessão falou, em primeiro lugar o Dr. João PEDRO CARDOSO, antigo diretor do Serviço que historiou as várias fases por que passou aquêlê órgão, relembrando as tarefas realizadas e as expressivas figuras de técnicos que ali trabalharam Usou depois da palavra o Eng.º VALDEMAR LEFÈVRE, diretor do I.G.G., que assim se expressou

“Senhor secretário da Agricultura, senhores ex-diretores desta repartição, prezados companheiros de trabalho, meus senhores

Estamos hoje aqui reunidos para comemorar esta data gratíssima à Geografia paulista, qual seja a da criação dos serviços geográficos e geológicos da Terra das Bandeiras.

Festejando o dia 27 de março que-remos igualmente prestar merecida homenagem aos ex-diretores desta casa de trabalho, muitos dêles aqui presentes

Todos nós que aqui estamos somos cultores diretos ou indiretos da ciência geográfica tão velha como o alvorecer da civilização humana.

Diz-nos a História Universal que os primeiros agrupamentos humanos contam já algumas dezenas de milhares de anos. Ao que parece, o interesse pelo estudo da superfície da Terra, por parte dos povos primitivos, partiu de necessidades crescentes que sentiam,

para a realização das trocas dos seus produtos e viagens e explorações para se localizarem em meios mais propícios à vida

Como os povos nesta fase primitiva não deixam documentos não se pode saber o que se passou nesses tempos em que se esboçava a Civilização

Somente a partir de CHAMPOLION, com a decifração dos caracteres cuneiformes e dos hieroglifos é que se passou a ter conhecimento da alta cultura atingida pelo Egito, Índia, Assíria, Babilônia, Fenícia e Grécia.

Os egípcios não observaram a cronologia no preparo dos seus documentos. Sua concepção filosófica da eternidade da vida fazia com que desejassem antes fazer geografia do que história. Tanto os dados referentes às terras percorridas, como os relativos à sua história eram sistematicamente gravados nos seus monumentos.

O estudo da superfície da Terra, ou seja da geografia, vem dos primórdios da civilização, e se impôs pelas necessidades decorrentes da evolução dos povos, quando foi se tornando mais complexo o problema da subsistência das diversas nações

A primitiva geografia era unicamente descritiva sem se preocupar com sistematizações ou deduções.

Os gregos, já cultos e empreendedores, ocupando extensas faixas de costa sentiram a necessidade de melhor conhecer a Terra onde imperavam e de representá-la graficamente. Fizeram então as suas primeiras cartas. Foi HERÁTEUS que negando a forma de disco circular para a Terra, imaginou-a circundada pelos mares.

Ao mundo habitável e conhecido constituído pela Europa e Ásia, deu o nome de *ekumene*.

Com as viagens dos fenícios foram obtidos valiosos dados que se incorporaram à grosseira carta do mundo conhecido.

HERÓDOTO, grande viajante, não aceitou a concepção estabelecida para o mundo e apresentou valiosas contribuições para a sua alteração. Negando a possibilidade de perímetro circular para o mundo habitável, imaginou que este deveria ser mais extenso segundo a direção este-oeste, do que na direção norte-sul. Propôs a divisão do mundo em três partes. Europa, Ásia e África.

Foi, entretanto, ARISTÓTELES que, 4 séculos antes de Cristo, apresentou as bases da geografia como ciência e provou ser a Terra esférica.

Aceita a sua teoria, cuidaram de adaptar a carta do mundo a essa nova concepção.

ALEXANDRE MAGNO, em suas viagens de conquista, fazendo-se acompanhar de astrônomos e geógrafos, determinava que tomassem nota de tudo que fôsem encontrando pelo caminho. Assim

iam registrando rios, serras, povoados, mares e aspectos peculiares de cada região, enriquecendo o cabedal geográfico.

Mais tarde aparece o grande ERATÓSTENES que se dedicava à matemática, astronomia e filosofia.

Entre os seus trabalhos destaca-se a medida da distância zenital do Sol, em Alexandria e o cálculo da distância entre Siena e Alexandria.

Fundamentou assim os alicerces da geografia matemática e da astronomia.

Surge outro astrônomo e matemático, o grande HIPARCO, no segundo século antes de Cristo.

Criador da trigonometria, imaginou o método de fixar as posições na superfície da Terra por meio de círculos máximos de latitude e longitude. É HIPARCO, sem favor algum o criador principal da geografia matemática, sendo também apontado como o descobridor da precessão dos equinócios.

ESTRABÃO, já na era cristã, percorreu grandes áreas, colhendo elementos para a geografia do globo e para os seus livros aos quais deu o nome de geografia. Dividiu-os em matemática, física, política e histórica.

CLÁUDIO PTOLOMEU deu forma estável à então obra dos geógrafos gregos, esforçando-se para conseguir uma representação rigorosa do globo habitado. Estudou os trabalhos existentes e fez as correções e ampliações possíveis na carta da Terra.

CLÁUDIO PTOLOMEU parece ser o primeiro a empregar os termos corografia e topografia, tendo a sua geografia passado para os tempos modernos.

Os europeus, em fins do século XIV, desconheciam o interior da África, as Américas e a Oceania, tendo de algumas dessas regiões, apenas vagas ou fantásticas referências. Foi quando portugueses, espanhóis e italianos começaram a cruzar os oceanos iniciando as grandes descobertas. Entre outros navegantes citaremos BARTOLOMEU DIAS que dobra o cabo da Boa-Esperança, NICOLAU CONTI, que seguindo pelo mar Vermelho, dirige-se para o sul da China; CRISTÓVÃO COLOMBO, que descobriu as Índias Ocidentais ou seja a América Central, e finalmente PEDRO ÁLVARES CABRAL que divulgou ao mundo civilizado da época a existência das terras hoje denominadas Brasil.

Foi assim se ampliando o mundo conhecido e como consequência a carta que o representa. O progresso das ciências trouxe recursos para melhor representação do globo ou de suas partes; e as necessidades resultantes do progresso e da civilização passaram a exigir cartas cada vez mais exatas e mais detalhadas.

O problema de uma nação é o problema de todas.

O nosso país e o nosso Estado não poderiam fugir a esta realidade.

Lancemos, pois, um olhar retrospectivo sobre os primórdios da nossa geografia oficial.

A província de São-Paulo, como é sabido, caminhava célere e ávida de progresso, pela estrada que a levaria a melhores dias.

Embora uma das mais prósperas províncias do Império, contava ainda com grandes regiões inteiramente desconhecidas, só ocupadas pelos selvícolas bravios. O governo da Província encontrava, freqüentemente, grandes dificuldades para seguir uma orientação segura na administração pública, quando se tratava de problemas de imigração e de novos núcleos de populações agrícolas e urbanas.

O presidente de São-Paulo, João ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA, em seu relatório de 1885, disse: "Entre os embaraços com que luta a administração da Província para formar um plano geral que atenda às necessidades do seu desenvolvimento e para estudar com segurança as questões que se prendam a este objeto, obstando a justa ponderação dos cometimentos da iniciativa particular para dilatar o campo das explorações industriais e agrícolas, avulta a ausência de informações exatas e minuciosas sobre a geografia, relêvo do solo, vias de comunicações, estrutura geológica e caráter das diversas qualidades de terra.

É a meu ver uma das mais urgentes necessidades da Província, o estudo de seu território; e é fora de dúvida que os dispêndios que esta notável empresa houver de determinar serão compensados não só pela expansão que à riqueza pública trará o aproveitamento dos recursos naturais cujo valor ficará conhecido, como também pelos preciosos elementos que ela ministrará à solução do problema da colonização".

A este grande estadista do segundo Império, que foi o conselheiro João ALFREDO, deve-se a criação da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São-Paulo. Em 27 de março de 1886 era assinada a Lei n.º 9. Por ela deveriam ser iniciados os trabalhos de levantamento de cartas geográficas, topográficas, itinerárias, geológicas e agrícolas.

ORVILLE A. DERBY, auxiliar de HARTT na Comissão de Geologia Imperial, foi convidado para chefiar a Comissão paulista. Em 7 de abril de 1886 este notável geólogo americano, acompanhado de TEODORO SAMPATO, FRANCISCO DE PAULA OLIVEIRA, LUÍS GONZAGA DE CAMPOS e ALBERTO LOEFGREN assumia a direção dos trabalhos.

Um mês mais tarde, organizados os serviços, partia a primeira turma para o sertão sob a chefia de TEODORO SAMPATO.

Esta turma descendo pelo rio Itapetininga, atingiu o Paranapanema, pelo qual desceu até à sua foz no rio Paraná. Ficava assim estudada uma grande área da Província e as possibilidades de ligação fluvial, da rede ferroviária com a navegação ao longo do Paraná.

Em outubro do mesmo ano, era ainda iniciado o trabalho de triangulação, com a medição da base de Campo-Largo e ocupação da rede que se dirigiu para a capital de São-Paulo.

Enquanto isto, PAULA DE OLIVEIRA e GONZAGA DE CAMPOS iniciavam os primeiros estudos sobre geologia, e ALFREDO LOEFGREN estudava a flora, o clima e a composição das terras aráveis.

Decorridos oito anos, a Comissão dedicou-se ao levantamento das zonas limitrofes com Minas-Gerais, tendo em vista o acôrdo celebrado entre os dois Estados.

Para tal foram feitos levantamentos resultando na organização das folhas de Atibaia, Bragança, Caldas, Casa-Branca, Jacareí, São-Bento-do-Sapucai, São-João-da-Boa-Vista, Sororro, etc.

Injustamente foi a Comissão Geográfica e Geológica alvo das mais descabidas acusações, estando entre os críticos diversos técnicos que pelo diploma que traziam deveriam ser os primeiros a bem compreender a acertada orientação dada de início aos trabalhos, pelo chefe da Comissão, inspirado nos métodos expeditos do serviço norte-americano, único compatível com os recursos disponíveis e rapidez que se requeria para o levantamento geográfico do Estado. Mas, como sói acontecer, são sempre os que menos entendem dos assuntos em foco que se acham autorizados a vir a público criticar e difamar.

A Comissão Geográfica também não poderia escapar a essa sanha demolidora. Mas depois da tempestade vem a bonança e assim a Comissão prosseguiu triunfante na sua rota. Como prova aí estão os trabalhos que progressivamente foram atingindo o interior do Estado, ou sejam as zonas percorridas pelas Estradas de Ferro Paulista, Mojiana e Central. Os reconhecimentos das nossas formações e o levantamento da carta geológica corriam paralelamente aos demais estudos da Comissão, como sejam, os estudos da nossa flora, e do nosso clima.

Já em 1897 contavam-se 30 folhas topográficas quase concluídas, abrangendo cerca de 30 000 quilômetros quadrados a área cartografada.

Ao iniciar-se o exercício de 1905 os trabalhos corriam normalmente, estendendo-se pelas zonas mais povoadas.

Com diminuto pessoal técnico e poucos recursos orçamentários, a Comissão não havia podido iniciar os le-

vantamentos do extenso sertão, apenas indicados nos mapas do Estado como terras abandonadas pela civilização. Isto naturalmente feria o brio dos lescententes de MARTIM DE SÁ, NICOLAU BARRETO, ANTÔNIO RAPÔSO, FERNÃO DIAS PAIS LEME, BARTOLOMEU BUENO DA SILVA e tantos outros intrépidos desbravadores da terra agreste e traiçoeira.

O governo, por sua vez, como bom administrador não podia tolerar que os mapas do Estado fôsem se eternizando com as indicações de "terras desconhecidas e ocupadas por indígenas". Urgia varrer das novas cartas essa mancha humilhante para os paulistas.

Desconhecíamos o baixo Tietê, Aguapeí, Peixe e outros rios menores.

O grande CARLOS BOTELHO, secretário da Agricultura, do governo de JORGE TIBIRIÇA, determinou como programa da Comissão, a imediata exploração dessa zona de São-Paulo.

Discordando com o ponto de vista governamental ORVILLE DERBY depois de ter prestado relevantes serviços à geografia de São-Paulo, serviços êsses que deram justo renome à Comissão, não só dentro do país como além das nossas fronteiras, deixava, no dia 25 de janeiro de 1905, a chefia da Comissão. Nesses 19 anos serviu a terra de Piratininga com zelo e dedicação ímpares.

Mas não poderiam acabar os dias gloriosos da já velha Comissão. E não acabaram.

No mesmo dia em que se comemorava a fundação desta metrópole João PEDRO CARDOSO assumia a direção do pósto deixado por DERBY.

Foram então organizadas quatro turmas que logo em seguida puseram-se em marcha para explorar os rios Tietê, Feio, Paraná e Peixe. Estas turmas eram chefiadas por JORGE BLACK SCORRAR, OLAVO HUMMEL, CORNÉLIO SCHMIDT e GENERALDO MACHADO.

O resultado destas grandes explorações paulistas é por certo conhecido de todos vós, assim como os riscos a que se expuseram os intrépidos funcionários que enfrentaram patrioticamente febres, privações e ataques dos nativos. Êstes foram tão ferozes que ferindo o engenheiro HUMMEL, foi êle obrigado a abandonar a chefia da sua turma e regressar a esta capital. Por fim ficaram desvendados os mistérios dêsses longínquos sertões, voltando as turmas aos seus trabalhos normais, interrompidas nas zonas mais habitadas.

Em reorganização levada a efeito em 10 de abril de 1907 as secções de Botânica e de Meteorologia foram desmembradas da Comissão e somente em 1931 voltou o Serviço Meteorológico a integrar os serviços geográficos e geológicos donde saíra.

Em 1931, após nove lustros de realizações no campo, tanto geográfico quanto geológico, a tradicional repar-

tição estadual apresentava copioso número de publicações e estudos. Assim é que se contava com 37 fôlhas topográficas cobrindo um terço do território de São-Paulo, 12 relatórios de levantamento da costa e dos grandes cursos d'água, 8 edições da carta geral do Estado, a carta geral geológica, a carta isogônica, cartas excursionistas, 22 boletins sôbre assuntos diversos, 11 boletins meteorológicos e outras publicações de menor importância.

Mas estava escrito que nova injustiça deveria atingir a velha Comissão. Em 1931, elemento do governo estadual irrefletida ou maldosamente dirigiu a sua crítica e censura infundadas, aos trabalhos que zelosamente tinham sido realizados.

Essa atitude revoltante, como era de esperar feriu os funcionários da Comissão Geográfica. O seu diretor, João PEDRO CARDOSO, em justo ato de repulsa pediu a sua aposentadoria em agosto de 1931.

E aí, a tradicional repartição que ao invés de simples Comissão já fazia jus à organização de caráter efetivo, mais condizente com o progresso e interesses do Estado de São-Paulo, foi brutalmente reduzida à sua expressão mais simples, como a de secção da Carta Geral do Estado, anexa à Inspeção dos Serviços Públicos.

Mas, outros membros do então governo estadual procuraram reparar o mal e ainda em 1931 o próprio diretor da Inspeção de Serviços Públicos e da Carta Geral do Estado, com o apoio irrestrito do secretário da Viação, estudou a situação dos serviços geográficos e geológicos. No momento os cofres públicos não comportavam acréscimos de despesa, mas também não poderia o Estado conservar em verdadeiro marasmo aquela repartição que tanto já havia contribuído para a economia bandeirante, e da qual muito ainda se pedia.

Urgia restituir-lhe a autonomia. Em precária situação encontravam-se ainda os Serviços Astronômico e Meteorológico. Foi então que de entendimentos dos Engs. FRANCISCO GAYOTTO e ALÍPIO LEME DE OLIVEIRA, diretores dos referidos Serviços, com o Sr. secretário da Viação, coronel MENDONÇA LIMA, resultou o projeto da criação do Instituto Astronômico e Geográfico, sob a direção de ALÍPIO LEME DE OLIVEIRA.

Durou pouco esta organização, decretada em época de grave crise econômica. Com diminuto pessoal técnico, sem instalações e sem aparelhamento adequado e dispondo de irrisória verba, muito pouco pôde ser feito pelo Instituto Astronômico e Geográfico.

Mas, o tempo foi decorrendo e com êle foi se restabelecendo a primitiva situação econômica de São-Paulo que em 1935 já era bem satisfatória. ALÍPIO

LEME DE OLIVEIRA não hesitou em proporcionar a autonomia completa dos Serviços Geográfico e Geológico e tomou a iniciativa de apresentar ao governo o projeto de separação dos serviços reunidos em 1931.

Em 5 de julho de 1935 era decretada a extinção do Instituto Astronômico e Geográfico e a organização do Departamento Geográfico e Geológico e Instituto Astronômico e Geofísico.

Em 9 de agosto de 1935 JOVIANO PACHECO, já com grande soma de trabalhos prestados à geologia de São Paulo, assumia a direção deste Departamento, ficando em exercício até maio de 1938, quando se retirou do serviço público em virtude de aposentadoria.

Apesar da organização de 1935 não pôde o Departamento produzir, nesses três anos, o desejado volume de trabalhos. O seu quadro técnico era pequeno e além disso lutava com a falta de instalações, de instrumental e principalmente de verbas.

Recebendo a direção do Departamento das mãos de JOVIANO PACHECO, em maio de 1938, passei a ANÍBAL ALVES BASTOS, nomeado por decreto de 9 de julho de 1938.

Durante a sua administração foi mais uma vez reorganizada esta repartição. O seu quadro técnico teve apreciável aumento, assim como as verbas que foram postas à disposição do Instituto Geográfico e Geológico, criado por Decreto n.º 9871 de 28 de dezembro de 1938.

Em abril de 1939 ANÍBAL ALVES BASTOS pedindo demissão do cargo de diretor desta casa, voltava para o Departamento Nacional da Produção Mineral, onde ocupa cargo efetivo.

Tive então a honra de ver o meu nome incluído entre os diretores desta casa.

Em seus 59 anos de existência, os Serviços Geográficos e Geológicos de São-Paulo muito fizeram para tornar o nosso Estado bem conhecido, tanto na sua superfície como no seu subsolo.

Os levantamentos topográficos já abrangem cerca de 45% da superfície do Estado, enquanto que a rede de triangulação contando com 15 bases e

mais de 240 vértices cobre mais ou menos um terço do nosso território.

Os levantamentos apóiam-se nessa rede e em mais de 250 pontos de coordenadas geográficas.

O nivelamento de precisão, iniciado em 1940, atinge hoje caminhamento superior a 65 quilômetros.

Por força de lei federal que unificou os serviços meteorológicos do Brasil, perdeu o Instituto, em 1942, a sua secção de climatologia e assim, pela segunda vez, esta repartição deixou de proceder aos estudos do clima, parte complementar da geografia física e setor onde já se havia realizado um verdadeiro alicerce para futuras ampliações.

A par com o estudo de regime dos cursos d'água, vem ainda sendo levantada a carta geológica e estudadas as nossas principais ocorrências minerais.

Meus senhores. Acabamos de lançar o olhar para o passado desta repartição; voltemo-nos agora para a estrada que nos leva ao futuro. Observando bem verificaremos que ainda muito resta a fazer. E, como descendentes de bandeirantes, não devemos nos atemorizar, mas lançar-nos em campo com energia e coragem para que em breve tempo possamos conhecer o nosso território palmo a palmo e tornar aproveitadas as riquezas que nosso subsolo avidamente esconde. Antes de terminar este exame retrospectivo sobre os serviços geográficos e geológicos, quero em nome desta repartição, apresentar sinceros agradecimentos, e as nossas mais distintas homenagens, a todos aqueles funcionários aposentados e muito especialmente aos senhores ex-diretores a quem hoje festejamos num preito de gratidão, inaugurando a galeria com os seus retratos.

Finalmente ao conselheiro JOÃO ALFREDO CORREIA DE OLIVEIRA e a ORVILLE DERBY e a outros grandes obreiros da geografia paulista já falecidos, a nossa eterna saudade."

Por fim, foi inaugurada na sede do I G G a galeria dos seus antigos diretores.

O Conselho Nacional de Geografia fez-se representar na solenidade pelo Prof JORGE ZARUR.

NOVA DIRETORIA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO-DE-JANEIRO

No dia 27 de fevereiro último, em sessão de assembleia geral, realizada sob a presidência do almirante RAÚL TAVARES, tomou posse a nova diretoria da Sociedade de Geografia do Rio-de-Janeiro, que regerá os destinos dessa instituição no biênio 1945-1946. Os no-

vos membros da diretoria empossados foram

Presidente — embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, 1º vice-presidente — ministro JOÃO SEVERIANO DA FONSECA HERMES JR. 2º vice-presidente — almirante JORGE DODSWORTH MARTINS 3º